



Etnografía Da Mudança, Horizonte Do Amar

Ethnography of Change, Horizon of Loving

Etnografía del Cambio, Horizonte del Amar

Marcelo Calderari Miguel¹ – <https://orcid.org/0000-0002-7876-9392>

¹ Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI), Vitória, Espírito Santo, Brasil.

Autor correspondente: Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Campus Universitário Alaor de Queiroz Araújo, Av. Fernando Ferrari, 514 – Goiabeiras, Vitória – ES, CEP 29075-910, Brasil. **E-mail institucional:** marcelo.miguel@ufes.br | <https://orcid.org/0000-0002-7876-9392>

Recebido em: 04/07/2022----Aprovado em: 06/03/2026----Publicado em: 01/06/2026

RESUMO

A cartografia do afeto sob uma lente neurodivergente. Esta etnografia lírica mapeia a "arquitetura do desejo", tratando a interação social como um terreno de complexidade sensorial e cognitiva que exige decifração constante. O eu lírico tensiona o limite entre a rigidez das normas sociais e a plasticidade da experiência subjetiva, revelando o amor como um processo contínuo de tradução e resistência. Mais do que um registro poético, a obra é um diagnóstico da vulnerabilidade humana: o esforço radical de construir vínculos e habitar a alteridade, onde a subjetividade atípica desvenda, em última análise, a própria essência do cuidado.

ABSTRACT

A cartography of affect through a neurodivergent lens. This lyrical ethnography maps the "architecture of desire", treating social interaction as a field of sensorial and cognitive complexity requiring constant decoding. The lyrical self pushes the boundaries between rigid social norms and the plasticity of subjective experience, revealing love as a continuous process of translation and resistance. More than a poetic record, the work is a diagnosis of human vulnerability: the radical effort to build bonds and inhabit otherness, where atypical subjectivity reveals, ultimately, the very essence of care.

RESUMEN

La cartografía del afecto bajo una lente neurodivergente. Esta etnografía lírica mapea la "arquitectura del deseo", tratando la interacción social como un campo de complejidad sensorial y cognitiva que exige una decodificación constante. El yo lírico tensa el límite entre la rigidez de las normas sociales y la plasticidad de la experiencia subjetiva, revelando el amor como un proceso continuo de traducción y resistencia. Más que un registro poético, la obra es un diagnóstico de la vulnerabilidad humana: el esfuerzo radical por construir vínculos y habitar la alteridad, donde la subjetividad atípica desvela, en última instancia, la propia esencia del cuidado.

Palavras-Chave

*Etnografia poética;
Neurodivergência;
Fenomenologia do
Desejo;
Saúde e Sociedade;
Resistência.*

Keywords

*Poetic ethnography;
Neurodivergence;
Phenomenology of
Desire;
Health and Society;
Resistance.*

Palabras Clave

*Etnografía poética;
Neurodivergencia;
Fenomenología del
Deseo;
Salud y Sociedad;
Resistencia.*

I Sonoridade, Infinitesimal

A vida é mapa, fio, vertigem...
Quadras densas, mudas, que fingem.
Sigo o rastro, o laço, o fervor,
No tempo que tece o tom e a cor.

A linha reta busca a cura — que pena!
Mas surge um lampejo, a luz em cena.
Três sóis ocultos na tarde pequena,
O tempo que acalma, a paz que acena.

Infinitesimal, o som que se aferra,
Em festas vãs, onde a alma se enterra.
Troco o ruído pelo traço, a clareza,
Tinta e papel, minha única certeza.

Se o mundo teima, o tempo se gasta,
Na areia que o peito, em vão, contrasta.
Não busco a saída, a paz que se afasta,
Que o amor seja o verso, a vida que basta.

II Semelhança E Verossimilhança, O Xodó Brotou

Sussurros sérios, sinais sem selo,
Travo o pulso, no peito o apelo.
O ciclo estanca, a mágoa que fere,
No vácuo que chama, no vácuo que repele.

Padeço o tempo que o mundo sustenta,
Solto o canto que a dor inventa.
Rastro de rogo, de rede, de enredo,
Juras ocultas, silêncio e segredo.

Desfaço os nós que o peso compõe,
Não sigo o passo que o medo impõe.
Abraço o frio que a noite me entrega,
Na sombra, o desejo que a rua nega.

Busco o rastro, o laço, o feitiço,
Tecer o toque, sem artifício.
Ao xodó que o mundo jamais guardou,
À ternura que o tempo ocultou.

III Perpétuas-Roxas, Arquivo do Peito

Meus dedos mapeiam a nuca, a norma,
meus lábios decifram: a volúpia me transforma.
Palavras ardentes, o rastro exposto,
um sopro febril, desenhando teu rosto.

Beijo o teu ventre, o curso se entrega,
a brecha que abre, a regra se nega.
Já não quero parar, já não posso conter,
sou aço pulsante, sou carne a tremer.

Acesso o teu ritmo, o gemido primeiro,
chamo-te “amor”, meu destino inteiro.
Suspiro: eu te amo! — a fenda que vem,
um insano roxo, um rasgo no além.

Desejo intumescido, o pulsar que se ergue,
cópula e rastro, o cortejo que segue.
Arquivo do corpo, abrigo febril,
na casa do peito, o teu eco, sutil.

IV Crush Silenciar, Enfunar Vaidades

‘Pai!’ — tortura, incêndio a velar.
Deste amor irregular, erro e cicatriz,
Código oculto que o sistema não diz.

Teu olhar é fissura, é lente que cura,
Felicidade que rompe a moldura.
Diante do vulto, o nada se desfaz,
No brilho do erro, a verdade se faz.

Dá um puto 'nervoser' — surto latente,
Mente que espreita o que sente e não sente.
Em teu sorriso embarco... 'pode pá',
Em tua voz me perco, o sistema a falhar.

Pode o 'crush' ser fantasma — o erro se instala,
A regra é silêncio, a norma que cala.
Viu agora? O prazer é um corte,
Código eterno, aposta de sorte.

'Sangrou!' o querer que o peito reclama,
Passar por ti e o 'olá' vira chama.
Mas no fundo, o sistema insiste em travar:
O 'te amo' é enigma que não sei decifrar.

V Irregular Amor, Cabo De Flexível Aço

Se decidires ficar, tento a conversão,
Não rompas o fluxo: opero no limite da dor.
Código em exceção, falha nesta compilação,
Para auxiliar o sistema e traduzir o teu calor.

Vale a pena? A engrenagem seguirá a girar,
Ternura singular, um pulso a brilhar.
No escuro do cinema, teu toque me guiou,
No ombro onde o sistema, enfim, silenciou.

Pedi o contato, e tu consentiste:
O sentir é regra, a demanda persiste.
Não busco o enlace, mas a sintonia,
Carinho em circuito, pura energia.

Portal que ironiza toda ingenuidade,
Sou falha constante na selva da vaidade.
Guerra e amante, instante da cidade,
Utopia pulsa em bruta verdade.

Sofro o ruído, os mil desafios,
Contigo o planeta é menos vazio.

Revista Portal – Saúde e Sociedade

O amor é o cabo: aço que se curva,
Tensão que resiste, mas nunca se turva.

Como citar

Miguel, M. C. . (2026). Etnografia Da Mudança, Horizonte Do Amar. *Revista Portal: Saúde E Sociedade*, 12(unico). <https://doi.org/10.28998/rpss.v12iunico.13795>



Conflito de interesses

Sem conflito de interesse

Financiamento

Sem apoio financeiro

Agradecimentos

O autor agradece aos Profs. Drs. Diana Vilas Boas Souto Aleixo, Luciana Itida Ferrari, Maira Cristina Grigoletto, Tânia Barbosa Salles Gava e Tiago Braga da Silva pelas contribuições intelectuais e pelo suporte recebido durante sua formação e vivência acadêmica no curso de Arquivologia da UFES (Campus Goiabeiras).

Contribuições dos autores

O autor (MCM) foi responsável pela concepção e delineamento da obra, aquisição, análise e interpretação das informações, redação preliminar e revisão crítica do conteúdo intelectual. O autor aprova a versão final para publicação e assume integral responsabilidade pela acurácia e integridade de todos os aspectos do trabalho.